

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO PIAUÍ NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFPI: uma proposta de estudo sobre a escrita e as fontes

Maria da Penha Feitosa¹
NUPPEGE/UFPI
mpenhafeitosa@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a história da educação, especificamente a escrita da história da educação produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI. Trata-se de um tema que tem chamado atenção pelo visível aumento da produção na área nos últimos anos, ao tempo em que se coloca como busca de conhecer mais sobre a temática no sentido do amadurecimento e construção de um objeto de estudo. Identificar como está sendo trabalhada e como pode ser caracterizada essa história passa a ser importante à medida que cada vez mais pesquisadores e pesquisadoras se encarregam de problematizar como se deu o processo de escolarização da sociedade piauiense ao longo da história do estado. Observa-se que, somando-se às obras já existentes, o que se tem produzido no Mestrado em Educação tem feito muito para a construção de uma identidade e de um perfil da escrita da história da educação no estado.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia, educação, Piauí

ABSTRACT

This article aims to discuss the writing of history of education, specifically the history of education produced under the Program Graduate Education UFPI. This is a topic that has drawn attention by the visible increase in production in the area in recent years, the time that arises as a quest to know more about the subject in the sense of maturity and construction of an object of study. Identify how it is being worked on and how this can be characterized historiography becomes important as more and more researchers and researchers are undertaking to discuss how was the education process of Piauí society throughout the history of the state. Adding to existing works, which have been produced in the Master of Education has done much to build an identity and a profile of writing the history of education in the state.

KEYWORDS: history, education, Piauí

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A historiografia continua vivendo o prolongado processo de mudanças teórico-metodológicas que teve início ainda no início do século XX. No Brasil, esse processo se aprofundou principalmente a partir da década de 1980, e continua ampliando as possibilidades de pesquisa para pesquisadores e pesquisadoras do

¹ Mestre em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, graduada em História, graduanda de Pedagogia, membro do NUPPEGE/UFPI (Núcleo de Pesquisas em Políticas e Gestão da Educação), professora da rede pública estadual de ensino do Piauí.

estado, com novos olhares para antigos e novos problemas. O ponto comum em meio à “revolução historiográfica” tem sido o questionamento à forma tradicional de se fazer pesquisa, quando os estudiosos passam a rever suas concepções e formas de trabalhar o documento histórico, redefinindo, com isso, um novo perfil na historiografia. Esta tem sido a tônica das discussões mais frequentes focando-se uma realidade de constante abertura para temáticas cada vez mais próximas do cotidiano da escola, de onde se resgatam personagens antes ignorados, vez que não interessavam ao projeto de escola idealizado pelas elites. As novas abordagens, utilizando-se cada vez mais da concepção ampliada de documento histórico, funcionam como uma forma de caminhar com as mudanças, sem perder o foco do mundo transformado da pesquisa.

Tudo isso influenciou muito o mundo da pesquisa, e no caso da história da educação, isso se dá numa perspectiva mais recente, principalmente quando as atenções se voltam com mais frequência para a educação, ora de forma demagógica como sustentação de projetos políticos pessoais ou de grupos políticos, ora como campo de interesses de educadores comprometidos e cientes do poder transformador da educação. O certo é que as transformações sociais e no campo da historiografia são históricas como são históricas as instituições e as atividades; as preocupações são por isso filhas de cada tempo. A educação passa a ser mais cobrada diante de um mundo do trabalho cada vez mais competitivo, do desemprego e da situação de crise vivida pelos sistemas escolares. Se tudo isso é mais forte e mais presente na sociedade, sempre terá alguém inquieto o suficiente para querer olhar essas situações utilizando a forma e os instrumentos que acredita serem mais viáveis para chegar a respostas.

Muito se tem falado dos efeitos das transformações econômicas, sociais e tecnológicas para a ocorrência de muitas contradições. Contradições pelo fato de não atingirem grande maioria da população, no sentido da libertação de todos da pesada carga do subdesenvolvimento científico, intelectual, do atraso e da ignorância. O mundo globalização tem operado sensíveis mudanças na fisionomia social, nas relações dos indivíduos entre si, com o mundo, com a informação e com os processos de conhecimento; têm produzido também mais riquezas, mais alimentos. A questão que se coloca para a humanidade é que toda essa produção e todo esse desenvolvimento não estão chegando, ou chegam em migalhas, àqueles que realmente produzem essas riquezas. A educação, embora ocupando a atenção de todo mundo na atualidade, aparece dentre esses itens que ainda chegam aos poucos para a grande maioria, em contraposição a ideia latente de

que finalmente se acordou da cegueira sobre o potencial transformador da educação. Não há quem não discuta e não reconheça a necessidade de se problematizar os seus processos e de se pesquisar as suas mais tênues nuances, como forma de se conhecer mais e assim poder lidar com ela com mais propriedade e segurança. O que é posto como inovações no campo da pesquisa é fruto desse contexto maior. O interesse por esmiuçar todas essas experiências é a parte boa, é do que é inerente ao ser humano, que é a curiosidade de onde brotam todas as grandes descobertas.

No Piauí, como parte desse todo, vive-se, mesmo que de forma lenta, essas mudanças. Não é de hoje que produzem seus efeitos e vieram por meio de teóricos, clássicos e outros contemporâneos nossos, e coincidiram com o próprio processo de constituição da história como campo de investigação científica no estado. Segundo Lopes (2006), o interesse por esmiuçar o processo escolarização da sociedade piauiense, enfatizando os seus pormenores, é fenômeno relativamente recente, tem a ver com a criação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. Segundo o autor, pesquisadores e pesquisadores no âmbito do programa teriam sido beneficiados com o surgimento de uma concepção ampliada de documento histórico, que teria ampliado, sobremaneira, os horizontes das pesquisas.

Diante da complexa tarefa de discutir o tema historiografia no Piauí - complexa pelo fato de ser um universo ainda pouco visitado quando se trata de olhar para a escrita da história da educação, sentimos a necessidade de começar buscando compreender como essa escrita é vista, de forma que fique clara a intenção de conhecer a escrita da história da educação no estado, focando algumas das principais obras sobre história da educação, como exemplos de trabalhos com inegável potencial científico, ao tempo em que se colocam como perspectiva renovadora dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, ressaltando a contribuição de um novo elemento no cenário, que são as pesquisas desenvolvidas em nível de mestrado.

Observa-se que historiadores dos mais diferentes matizes utilizam o termo historiografia para se referir ao que já se produziu em termos de conhecimento da história da humanidade, trata-se, portanto, da escrita da história. No entanto, duas práticas dividem esses historiadores: alguns consideram a historiografia como se estivessem organizando um álbum de fotografias. Esta, conforme Warde (1990), trata-se de uma linha de pensamento que se inscreve numa concepção positivista, pois parte do pressuposto de que o estudo

do conhecimento já produzido deve seguir as mesmas regras da produção comentada, ou seja, ao objeto olhado nada deve ser apostado e o que dele se disser deve estar nele contido. Outros concebem essa análise não como um arrolamento de obras. Para os antipositivistas, conforme Warde (1990), esta não deve ser reduzida à condição de mera descrição. Como propõe a autora, é preciso muito mais que determinado volume de matéria-prima, ou seja, de conhecimentos e dados históricos, para que a historiografia seja definida como tal.

A postura antipositivista, segundo Warde (1990), é aquela que se comporta enquanto crítica epistemológica, interroga a história da educação como conhecimento e como ideologia, desvenda a gênese e o desenvolvimento histórico, no sentido de evitar a cristalização de “verdades”, inclusive denunciando os anacronismos e distorções nela contidos. Essa historiografia deve proceder à desnaturalização do que é dado como assentado, posto como irrevogável, e nessa perspectiva funciona como uma lanterna iluminando o que já existe, colocando às claras as mais diferentes e complexas metodologias, criando um clima de discussão sobre o que se fez e o que se pode ainda fazer.

Em 1996, na apresentação da obra do professor Itamar de Sousa Brito (1996), intitulada “História da Educação no Piauí”, o também professor e escritor Paulo Nunes afirmava que: “nós não temos história da educação no Piauí, mas apenas enfoques limitados sobre alguns aspectos do fenômeno educacional piauiense”. Uma postura que retrata um momento e o próprio perfil intelectual e de certo distanciamento do professor com a temática. Qual seria, hoje, essa definição diante do novo momento vivido pela pesquisa historiográfica?

O fato é que muita coisa mudou, muito se caminhou, e em alguns momentos a passos relativamente largos, considerando as limitações históricas do estado no campo da pesquisa. Os que vieram depois tiveram grande ajuda dos que já estavam no caminho e, assim, foi se configurando o que hoje podemos chamar de historiografia da educação no Piauí. A própria obra do professor Brito (1996), como um dos que já caminham pela história da educação já há algum tempo, tem contribuído sobremaneira para a relação de muitos estudantes com a história da educação no estado, pela grande quantidade de informações que apresenta, tiradas na sua maioria de fontes primárias, ainda pela riqueza de detalhes e dados retirados

de alvarás, leis e decretos do início da estruturação do sistema escolar no estado e que foram importantes para a criação de uma estrutura básica de ensino.

O professor e historiador Itamar de Sousa Brito (1996) trata da história da educação no Piauí resgatando-a desde os primeiros atos oficiais, ainda na fase da Capitania de São José do Piauí (1733), até os dias atuais (1996), época da publicação do livro. Na sua obra o autor divide a história em três fases: a normativa, a organizacional e a de sistematização do sistema estadual de ensino. Nas três fases o foco de análise do autor são os atos governamentais, começando pelo alvará de 1733, que autoriza os inicianos a fazerem funcionar na província um estabelecimento de ensino, que inclusive nem chegou a funcionar. Somente em 1757, segundo Brito (1996), através de alvará do governo luso, é que se materializa a ideia com a instalação de duas escolas primárias públicas na província do Piauí. As outras duas fases são tratadas também por meio da documentação escrita.

A obra da professora e pesquisadora Maria do Amparo Borges Ferro (1996), "Educação e Sociedade no Piauí Republicano", publicada no mesmo período em que foi publicado o livro do professor Brito (1996), trabalha a história da educação piauiense numa perspectiva que redescobre o potencial histórico da cultura. Sem abrir mão da documentação, a autora faz dela um instrumento para a construção da memória histórico-educativa da sociedade piauiense, mostrando-a no contexto do universo piauiense republicano. Em outro trabalho, Ferro (2000) analisa essa história pela lente de dois livros autobiográficos, adotando-os também como veios para garimpar as memórias e assim construir a história. Ao dar voz a personagens antes esquecidos, a autora desnaturaliza a condição de subalternidade dessas personagens, resgatando o discurso do outro, ou seja, historiciza esses discursos dizendo a seus leitores que a história dessas personagens é importante e precisa ser contada. Para exemplificar essa opção, destaca-se a forma como trata a visível influência do poder público sobre o sistema de instrução, marcado pela manipulação política e controle ideológico dos professores. Trata esse fato ressaltando o pensamento dos que viveram aquele momento.

Conforme o professor Antonio de Pádua Carvalho Lopes (2006), revelando resultado de análise de pesquisa sobre as produções realizadas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, a maioria das pesquisas tem se voltado para temáticas que buscam compreender a dimensão micro de funcionamento da escola. Dessa forma, segundo

Lopes, esses trabalhos têm sido beneficiados pela noção ampliada de documento proposta pela nova história cultural, a partir do momento em que dão nova dimensão a aspectos culturais. Nesta perspectiva trabalham pesquisadores e pesquisadoras e muitos têm focado a importância da oralidade, das representações sociais, das memórias e reminiscências da infância e da escola, aspectos que marcaram um tempo e que, provavelmente, teriam ficado perdidos não fosse a arguta sensibilidade desses pesquisadores. Com eles, as festas cívicas, a simbologia das fardas, o envolvimento da sociedade no momento de inauguração de estátuas ou quadro com retrato de autoridades, como chefes de Estado, ganharam história, ou seja, foram historicizadas, passaram a fazer parte da história ao tempo em que tiveram desvelado o seu conteúdo ideológico. A grande contribuição dessa história contada e dessa realidade desvelada está não só no conteúdo histórico, mas na construção de uma postura conscientizadora em torno dos principais acontecimentos cívicos que sempre estiveram presentes numa história que foi repassada para as novas gerações sem problematização.

Com o aumento das produções, uma preocupação tem aparecido com mais frequência nas análises das produções historiográficas no Piauí: o problema das fontes para a construção da memória. Uma face da história da educação que muitas vezes tem sido relegada. Para contextualizar a discussão buscamos Warde (1990), que discute a questão a partir de quando as tentativas de narrar os fatos “tal como aconteceram” era sinônimo de cientificidade e havia uma corrida para inserir as ciências sociais nesse campo. As conseqüências disso para a construção da memória da educação foram bastante visíveis. Aguçou-se a preocupação com a cronologia, com a localização e, por conseguinte, com a descrição fiel dos fatos – o fiel aqui tem a ver com o documento escrito, aqueles gerados no âmbito de instituições consideradas idôneas. Incentivou-se, com isso, a exacerbação do respeito à “autoridade”, com sérias contribuições para que a relação entre sociedade e Estado se forjasse pela dominação e pelo distanciamento.

Essa tendência não só fixou a hegemonia de um projeto defendido pelas elites, com o uso das fontes escritas, oficiais, como instrumentos comprobatórios, como consolidou o predomínio dessas fontes sobre muitas outras e, junto com elas, a supressão do discurso do outro. Aquele outro que não interessava ao projeto de sociedade defendido pelas elites, uma sociedade burguesa e patriarcal, era banido da cena pública, pois as personagens deste projeto tinham cara e perfil determinados por um conjunto de normas e de padrões

sociais defendidos pela classe dominante. Vasculhando esse território, Lopes (2006) identificou intensa utilização de acervos documentais privados e de autobiografias nos trabalhos de pesquisa realizados no âmbito do programa de pós-graduação em educação da UFPI. Um dado revelador da pesquisa de Lopes (2006) é que, sendo as autobiografias, em sua maioria, de domínio dos homens, ou seja, escritas pelos homens, os trabalhos resultados dessas pesquisas ganharam um perfil eminentemente masculino, vez que contam uma história pela fala dos homens, historicamente os que mais se ocuparam da escrita, tendo assim o seu domínio. De 33 textos autobiográficos levantados, 28 foram escritos pelos homens. E foi exatamente esse material o mais utilizado durante muito tempo como fonte de pesquisas em história da educação no Piauí.

Não é repetitivo dizer que a historiografia do Piauí absorveu a nova história cultural. Esta, ao se recusar a ver a ideia apartada da prática, priorizou a materialidade dos fenômenos, possibilitando a que se pudesse trabalhar aspectos culturais e sociais da educação, valorizando sujeitos da história como a criança, a mulher, o negro. Novas personagens passaram a emprestar suas falas e suas experiências, suas memórias, suas histórias para que outros pudessem conhecer a história da escolarização, sendo este, como nos diz, Nunes e Carvalho (1993), o grande legado da NHC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se pensar numa escrita da história da educação no Piauí que não se coloca apenas como resultado da combinação entre transformações econômicas e sociais, centralidade da educação e mudanças no campo historiográfico. Mas, além disso, fica o profundo sentido que os novos pesquisadores e pesquisadoras estão dando à historiografia da educação no estado, suscitando, com isso, o interesse por olhar essa realidade mais de perto. Que a historiografia da educação no Piauí se ampliou e que se apresenta hoje atuante no contexto da nova história cultural é tema recorrente nas discussões, inclusive que vivemos uma *nova história da educação* também no Piauí. A produção historiográfica está aí para ser lida e discutida. Aponta muitas possibilidades e abertura para ver com novos olhos velhos e novos problemas, para questões que desafiam educadores e pesquisadores. A questão que se coloca para a pesquisa deixou de ser de opção

entre este ou aquele modelo, mas de como redescobrir o outro, olhar o mesmo de forma diferente, sem deixar de problematizar os modelos. Queiramos ou não, novos objetos, fontes e personagens brotam a todo instante, pois são regados pelas transformações e pelo movimento da história. Ignorá-las seria como ignorar esse movimento.

BIBLIOGRAFIA

BRITO, Itamar de Sousa. **História da Educação no Piauí.**, 1ª ed. Teresina: EDUFPI, 1996.

NUNES, Clarice. “Pesquisa Histórica: um desafio”. IN: Cadernos ANPED – Nova fase, Rio de Janeiro, 1989.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano-** Teresina: 1996.

FERRO, Maria do Amparo Borges; NASCIMENTO, Francisco de A. S.; SOUSA, L. L (orgs.). **História da Educação:** novos olhares, velhas questões. 1 ed. Teresina: EDUFPI, 2009.

WARD, Mirian Jorge. **Anotações para uma historiografia da educação brasileira**, Em Aberto. Brasília: INEP, 1990.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. A escrita autobiográfica, os documentos pessoais e a História da Educação. In: NASCIMENTO; VAINFAS (org.). **História e Historiografia**. Bagaço, 2006. v.1, p. 11-30.